

"NOSSO INIMIGO É O COMUNISMO": A REVISTA MARIA COMO UM DISPOSITIVO DE COMBATE (1945-1948)

Viviane Souza de Oliveira[1]
Luiz Carlos Luz Marques[2]

Resumo
O comunismo, ideologia política e socioeconômica, encontrou terreno fértil na sociedade do século XX, no decorrer desse século alcançou proporções mundiais e disseminou uma semente dual, que em alguns fez germinar a esperança e em outros o medo. No Brasil, considerado pela maioria da elite dominante como um perigo à nação, foi combatido tanto pelo Estado quanto pela Igreja Católica. A última, se valeu de sua imprensa, dentre outros dispositivos, para disseminar entre os fiéis a ideia de que o comunismo representava perigo à sociedade, à fé cristã e aos dogmas da Igreja. Com esse cenário em vista, foi objetivo dessa pesquisa analisar o discurso propagado pela Revista Maria (PE), entre 1945-1948, para entendermos quais os métodos empregados por ela no combate ao comunismo, e qual o imaginário que propagava acerca do comunismo. Para tal, adotamos como aporte teórico-metodológico o filósofo francês Michel Foucault, fundamentando-nos em seu conceito de *dispositivo* e suas concepções acerca da ordem e análise do discurso. A partir desse trabalho poderemos observar como uma instituição como a Igreja Católica, atuou para garantir seu espaço de poder nas disputas política-ideológicas nos primeiros anos do pós-guerra.

Palavras-chave: Imprensa Católica; Revista *Maria*; Comunismo.

Introdução

A imprensa católica, veículo que se encarregou, e se encarrega, da defesa da Igreja e propagação da moral cristã, engajou-se na luta contra os "inimigos" da fé. O comunismo, que encontrou terreno fértil na sociedade do século XX, disseminou uma semente dual entre os indivíduos; em alguns fez germinar a esperança, já em outros, o medo. A Igreja Católica encarou essa ideologia em ascensão como uma

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Católica de Pernambuco. Bolsista do PIBIC-UNICAP. E-mail: vivianne.soouza@hotmail.com.
[2] Doutor em História. Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião e do Curso de Licenciatura em História da Universidade Católica de Pernambuco. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0026868525664989. E-mail: luiz.marques@unicap.br.



semente maligna que deveria ser combatida. Para esse fim, lançou mão de vários dispositivos, dentre eles a imprensa.

Foi interesse desse trabalho analisar uma revista católica e pernambucana, Maria, a revista da associação Pia União das Filhas de Maria, entre 1945 a 1948. Nesse período o mundo vivenciava as incertezas e angustias deixadas pós o fim das duas Guerras Mundiais. Duas potências de ideologias antagônicas disputavam a supremacia, de um lado o Estados Unidos da América (EUA), e do outro a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Diante desse cenário, parece que a Igreja buscou agir com urgência para refrear a doutrina que entendia ser destruidora da religião, a comunista.

Investigar os discursos da revista *Maria* nos possibilitou lançar luzes sobre as estratégias adotadas pela Igreja para conservar seu *status quo* de doutrina predominante na sociedade brasileira. Nos foi fundamental a utilização do conceito de *dispositivo* desenvolvido por Michel Foucault para melhor compreensão do nosso objeto de pesquisa. Bem como as perspectivas do mesmo autor sobre o uso do discurso para controle e orientação dos saberes e comportamentos dos indivíduos.

As bases da emergência comunista no Brasil

Já no século XIX aumentavam os números de pessoas que ganhavam a vida por meio do trabalho manual em troca de um salário. Esses assalariados se multiplicavam em resposta a crescente atividade do mundo urbano e industrial que reverberava no Ocidente, fazendo com que, em fins do mesmo século, cerca de dois terços da população das grandes cidades trabalhassem na indústria (HOBSBAWM, 2016, p. 178-183).

O mesmo ocorreu na Rússia, que além do fortalecimento de sua burguesia nos centros industriais mais antigos, também assistiu mudanças significativas de sua paisagem em decorrência da urbanização e industrialização até as vésperas da Primeira Guerra Mundial. Essas transformações acabaram por proporcionar um crescimento urbano considerável. A população urbana russa quase dobrara em menos de quarenta anos (entre os fins do século XIX e 1913), alcançando cerca de 15% da população total. A classe operária industrial também aumentara dois terços



pouco menos de dez anos, passando entre 1890 a 1900, de cerca de 1.500 trabalhadores a quase 2.400 (REIS FILHO, 2003, p. 29-31).

Segundo Hobsbawm, esses trabalhadores, que se achavam em maior número, começaram, em escala europeia, a se organizar politicamente como classe numa rapidez assustadora, formando partidos de massas vindo da classe operária, em maior parte inspirados pela ideologia do socialismo revolucionário. Por volta de 1914 já haviam partidos socialistas de massas em países da Europa, nos EUA e na Argentina. A doutrina do marxismo que dominava a maioria dos novos partidos passou por uma contração no início do século XX, mas expandiu-se novamente no Ocidente após a Revolução Russa de 1917, permanecendo assim durante grande parte desse século (HOBSBAWM, 2016, p. 184-214).

O Marxismo (conjunto de concepções elaboradas por Karl Marx 1818-1883 e Friedrich Engels 1820-1895), que mais tarde ficaria conhecido como marxismo-leninismo (termo criado para demarcar a continuidade do processo criador de Lenin em relação ao Marxismo), é um programa de ação política que visa estabelecer uma sociedade comunista a partir de determinadas medidas que vão desdobrar algumas variações, em termos de quais seriam as mais adequadas para se atingir o fim último (luta armada, ditadura do proletariado, mobilização de operários ou de camponeses etc.), por essa razão existem uma variedade de correntes no interior do marxismo-leninismo (BARROS, 2011, p. 16).

No Brasil, a corrente socialista aparece em fins do século XIX, no entanto, não tiveram grande importância efetiva, diferente das correntes anarquista e anarco-sindicalista que predominaram no meio proletário brasileiro, principalmente entre 1910 e 1920. Para esses grupos, o Capitalismo, a Religião e o Estado eram identificados como seus maiores inimigos; e as lutas dos proletariados deveriam ser resolvidas pela ação direta, pelas batalhas sindicalistas e pelas greves revolucionárias. Contudo, com a vitória dos comunistas na Revolução Russa, muitos militantes anarquistas passaram a compreender o anarquismo como incapaz (do ponto de vista teórico e organizacional) de oferecer uma alternativa concreta à sociedade burguesa. Essa descrença facilitou a entrada do marxismo-leninismo no movimento operário brasileiro, que mais tarde, em fins de março de 1922, levou a criação do Partido Comunista do Brasil (PCB), composto basicamente por antigos



militantes anarquistas, sob liderança de Astrojildo Pereira (SPINDEL, 1981, p. 57-60).

Desde sua criação, o PCB, que transitava entre a legalidade e a ilegalidade, investiu esforços não só para que seus candidatos fossem eleitos, mas também para aumentar e fortalecer o Partido através das propagandas. Durante a primeira metade da década de 1930 o PCB alcançou um razoável crescimento, mesmo com o pesado ataque do governo de Getúlio Vargas, que continuava a reprimir de forma sistemática as manifestações independentes da classe operária e os militantes comunistas e anarquistas. Em 1935, no entanto, o PCB, segundo Arnaldo Spindel, cometeu um grave erro: a revolta comunista, também conhecida como Intentona Comunista, que teve como principal líder Luís Carlos Prestes. Tal revolta caracterizou-se pela infiltração da polícia getulista no meio dos revoltosos. Do ponto de vista político a revolta era completamente imatura. Se antes da revolta Vargas já reprimia os comunistas, com o golpe de 1937 essa repressão foi reforçada. Entre os anos de 1935 até 1942 o Partido praticamente desapareceu, em 1942 ressurgiu lentamente e em 1945 Vargas permite sua volta à legalidade. As eleições de 1945 vão confirmar o crescimento do PCB mas os eleitos vão acabar perdendo seus mandatos porque em 1947 o Partido é, mais uma vez, relegado à ilegalidade (SPINDEL, 1981, p. 69-76).

As histórias de repressão vivenciada pelos militantes comunistas não foram proporcionadas apenas pelo Estado. A Igreja Católica trabalhou com mãos de ferro para lavar qualquer resquício do comunismo no Brasil. Sobre esse fato, vale salientar que a luta travada pela Igreja Católica também se fez sentir em outros países. Ao publicar um folheto intitulado “O socialismo e as Igrejas: o comunismo dos primeiros cristãos” (1905), Rosa Luxemburgo já denunciava o discurso político anticomunista proferido pelo clero da Polônia e da Rússia aos ouvidos dos trabalhadores:

> É com extraordinário vigor que o clero combate os socialistas e tenta, por todos os meios, minimizá-los aos olhos dos trabalhadores. Os crentes que vão à igreja, aos domingos e dias festivos, são compelidos, cada vez mais, a ouvirem um violento discurso político, uma verdadeira denúncia do Socialismo, em vez de ouvirem um sermão e nele obterem uma consolação religiosa. Em vez de



> confortarem as pessoas que estão cheios de preocupações, e cansadas pela vida difícil, e que vão à igreja com fé no Cristianismo, os padres fulminam os trabalhadores que estão em greve e os opositores do Governo; e ainda mais, exortam-nos a suportar a pobreza e a opressão com humildade e paciência. Transformaram a igreja e o púlpito num lugar de propaganda política (1980, p. 19-20).

A boa imprensa na luta contra o inimigo

"Tôda a imprensa católica cercou fileiras contra o grande inimigo da Religião e da Pátria – o comunismo" (MARIA, 1945, n.p).

Como é esperado, as ideias ou projetos de ação que enfocam na mudança de um modelo social estabelecido nem sempre são bem recebidos. Com certeza o comunismo não o foi, uma vez que várias ferramentas foram utilizadas para refreá-lo. Ao passo que o comunismo foi se assentando, desenvolveu-se, em contrapartida, o "fenômeno do anticomunismo", isso é, "uma postura de oposição sistemática ao comunismo ou àquilo que é a ele identificado, uma oposição que se adapta a diferentes realidades e se manifesta por meio de representações e práticas diversas". O anticomunismo se manifestou e se manifesta de diferentes formas, através da produção de propaganda, controle e ação policial, estratégias educacionais, manifestações, publicas, atuação no legislativo, pregações religiosas, produção de jornais e revistas etc. (RODEGHERO, 2002, p. 464).

Segundo Carla Rodeghero, a Igreja Católica era uma das instituições mais engajadas no combate ao comunismo. Apesar do tema já frequentar as encíclicas papais desde a segunda metade do século XIX, no Brasil, o anticomunismo parece ter começado a ter tido sua fase inicial entre 1917 e 1930, momento em que os movimentos operários começam a atuar de forma menos tímida. A Igreja estava preocupada com o perigo representado pela subversão do operariado e com o laicismo que se disseminava entre as elites letradas e (2002, p. 478). Ainda conforme a autora:

> O anticomunismo católico no Brasil [...] Era veiculado através de pronunciamentos de autoridades católicas em jornais, alocuções radiofônicas, solenidades de inauguração, missas especiais. Recheava as páginas de jornais católicos e permeava o conteúdo de programas de rádio; era difundido nas escolas, nos grupos da Ação Católica, nos seminários onde se formavam os novos padres.



> Circulava na forma de livros, revistas, cartazes, panfletos e santinhos, impressos nas gráficas e editoras católicas (2002, p. 466).

Quando nos referimos a disseminação das ideias anticomunistas pela Igreja, podemos destacar o papel protagonista da imprensa católica. É em fins do século XIX e início do XX que a Igreja Católica vai criar, o que chamou de Boa Imprensa, para tentar combater as ditas imoralidades propagadas pela imprensa laica e pela "modernidade". A Igreja, que atuava principalmente por meio da oralidade, ampliou sua atuação na esfera da escrita com jornais e revistas. Através desse meio buscou propagar a fé e a moral cristãs, e orientar os fiéis sobre os comportamentos e ideias que deveriam seguir e evitar. A fala do Arcebispo da Paraíba, D. Adauto Henriques, explicita bem a questão, para ele "Á imprensa católica, sobretudo, está confiada a missão de salvar a sociedade, de vivificá-la. A ela cabe defender Jesus Cristo e a sua Igreja" (LIMA, 2007, p. 175 In SOUSA JUNIOR, 2015, p. 01).

Por outro lado, não é de se espantar que o comunismo estivesse sendo fortemente combatido através da imprensa, pois como mostra a encíclica *Divini Redemptoris*, escrita pelo Papa Pio XI em 1937 (pontificado de 1922 a 1939) e que tratava especificamente do comunismo, cabia a Igreja não se calar diante das ameaçadoras tentativas de descristianização da sociedade, e na perspectiva da Igreja, o comunismo representava exatamente essa ameaça. Conforme mostra tal encíclica, o comunismo estava sendo entendido como um horrendo flagelo que veio subverter a sociedade cristã, uma doutrina que por meio de um pseudo-ideal de justiça, de igualdade e de fraternidade estava enganando as sociedades; uma ideologia formada por sofismas teóricos e práticos de falsidade e ilusão; uma doutrina que fundamentada nos princípios do materialismo, não cede lugar para Deus, uma vez que rejeita qualquer tipo de hierarquia, autoridade e religião.

Anos antes o Pontífice Pio X (pontificado de 1903 a 1914), já ciente das maiores proporções que a imprensa estava ganhando, chegou a afirmar que a construção de templos majestosos seria em vão se não cuidassem da "boa imprensa". A realização do Primeiro Congresso dos Jornalistas Católicos, (em Petrópolis, RJ, abril de 1910), no qual foi criada a Liga da Boa Imprensa, já demostrava a força da imprensa católica. Em Pernambuco, foram publicados no



início do século XX alguns periódicos católicos, como *A Crença*, *O Dia* e *A Tribuna*, desses destacou-se mais o terceiro.

Com primeiro exemplar publicado em 1906, o jornal *A Tribuna* pertencia a arquidiocese de Olinda e Recife e era fiscalizado pelo próprio arcebispo, sua finalidade era propagar as visões oficiais da Igreja. Assim como outros periódicos, o citado passou por problemas financeiros no início do século XX, o que levou a seus redatores que pedissem pelo apoio da comunidade católica. As Filhas de Maria, associadas da Pia União das Filhas de Maria[3], dedicaram-se ao angariamento de assinaturas para o jornal a partir de 1911. O trabalho de propagação do jornalismo católico realizado pelas Filhas de Maria, foi tido como tão satisfatório que em 1913 as jovens conquistaram o próprio periódico, a revista *Maria* (AMARAL, 2010, p. 60-73).

Esses periódicos católicos atuaram na luta contra os valores e costumes vistos como imorais pela hierarquia católica, tão propagados pela chamada "má imprensa". Por isso, esses periódicos estão sendo entendidos como *dispositivos*, pois, à luz de Foucault, esse termo se enquadra como "uma série de práticas e mecanismos (ao mesmo tempo linguísticos e não linguísticos, jurídicos, técnicos e militares) com o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito" (AGAMBEN, 2005, p. 11). De fato, a criação da "boa imprensa" fizera frente a uma urgência, os periódicos foram criados em um momento em que a expansão da imprensa e o acolhimento do povo em relação a esse veículo crescia com rapidez. A Igreja percebeu que deveria se utilizar dessa "arma" moderna para obter um efeito, a propagação da moral e dos valores cristãos. E dessa forma, enquanto modelava e orientava as condutas individuais através da imprensa, estava lutando para manter seu espaço nas disputas de poder.

A revista Maria e os seus métodos de combate ao comunismo

A revista pernambucana *Maria*, foi criada em 1913 diante das circunstâncias já citadas. Sua estrutura abrangia devocionais, novelas, contos, textos de orientações sobre moda e comportamento e ainda notícias nacionais e

[3] Associação católica destinada à jovens solteiras, de boa conduta e devotas de Maria. A Pia União foi fundada em Roma no século XIX, em fins do mesmo século foi introduzida em vários países do mundo.



internacionais. A revista fazia questão de se posicionar sobre temas que estavam causando burburinhos na época – e que inclusive até hoje estão –, à exemplo: Feminismo, Fascismo e Comunismo.

O comunismo será um dos temas largamente combatidos pela revista, o que indica que ela foi utilizada como dispositivo de combate. Pós Segunda Guerra Mundial, momento em que a URSS sai vitoriosa ao lado dos EUA, e que as eleições para a presidência da República e para formação da Assembleia Nacional Constituinte vão confirmar o crescimento do PCB, essa revista apresentou-se como palco de fervorosas propagandas anticomunistas. Com o intuito de orientar os fiéis sobre os riscos do comunismo, a revista também reforçou um imaginário sobre o mesmo a partir de seus discursos.

Tendo em vista que em toda sociedade "a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade" (FOUCAULT, 2014, p. 8), buscamos entender as técnicas de controle e redistribuição de ideais que cercaram a produção dos discursos da revista *Maria*. A análise da revista *Maria*, nos permitiu observar que esta organizou seus discursos em torno de três pontos: *a) explicou o porquê o comunismo estava penetrando nas nações*; *b) explicou o porquê o comunismo deveria ser combatido*; e *c) explicou como os fiéis deveriam combater o comunismo*. No interior desses pontos nos pareceu significativo destacar os termos usados pela revista para se referir ao comunismo, já que esses termos parecem reforçar um imaginário sobre ele. Analisemos com cuidado cada um desses pontos.

O primeiro ponto, *a) o porquê o comunismo estava penetrando nas nações,* trouxe alguns argumentos para explicar a razão de o comunismo ter penetrado nas mais variadas sociedades. O "mundo de após-guerra é um mundo que nos está surpreendendo pela tendência às doutrinas perigosas do aniquilamento da ideologia mais sagrada, a Religião" (MARIA, 1945, n.p). Segundo o discurso, uma das razões fora o quadro social de grande necessidade e miséria deixado pelas Guerras. O comunismo teria ganhado vantagem com esses acontecimentos, "sobretudo, porque êle se apresenta como uma solução das necessidades do povo que, nesta hora,



passa as maiores privações" (MARIA, 1947, p. 122). Nessa visão, o comunismo nada mais faz do que explorar, se aproveitar da miséria do povo para conseguir penetrar em suas mentes, apresentando-se como a esperança capaz de acabar com sua miséria.

Outras razões dadas pela revista para explicar a difusão do comunismo foram a liberdade de opinião e a falta de conhecimento e sabedoria do povo: "o comunismo está tomando incremento no Brasil, em todos os recantos da nossa terra. Graças à liberdade de opinião que se deu a todos, bons e maus, os aventureiros e exploradores da ignorância do nosso povo estão espalhando as suas ideias perversas" (MARIA, 1945, n.p). Para a revista, o povo que elegeu comunistas para as Câmaras e parlamentos foi "enganado e ludibriado, ou ignorava na sua inciência o que estava fazendo" (MARIA, 1948, n.p), discurso que se iguala ao da encíclica citada, pois vê o comunismo como ilusão, e as pessoas que simpatizam com ele como enganadas.

Na esteira das explicações houve mais uma: a falta de políticas governamentais que amparassem a população. Segundo a revista, se o comunismo penetrava nas nações sob o pretexto de salvar o povo da miséria, um governo que tivesse como preocupação uma ordem social justa não possibilitaria brechas para a entrada de tal ideologia:

> Um regime econômico-social justo deve proporcionar aos trabalhadores, às classes médias e a quantos cooperem na produção dos bens materiais e no progresso da Nação, uma situação de bem-estar material que encontre sua base inicial nas seguintes medidas: Habitação condigna, alimentação sadia e suficiente, educação, vestes, defesa dêstes bens para a família, meios de recreação lícita, etc. (MARIA, 1947, p. 123).

De acordo com a revista, a Igreja Católica, pelo contrário, não deixou de realizar ações sociais em benefício do povo. Criou "escolas, hospitais, ambulatórios, clinicas médicas, centros operários: incentivos aos industriais católicos para que criem serviços sociais nas suas empresas; apôio às leis promulgadas em defesa do operariado" (MARIA, 1947, p. 123). Ao pontuar essas séries de ações, a revista parece pretender mostrar que o combate ao comunismo, empreendido pela Igreja



Católica, não ficava só na palavra dita e escrita, pelo contrário, também se dava através de uma ação material e assistencial.

As formas de atuação podiam mudar, mas o objetivo era o mesmo: destruir o inimigo. Vale a pena destacar uma ação fortemente anticomunista realizada pela Igreja Católica em 16 de setembro de 1945: a Concentração Católica que ocorreu na Praça Treze de Maio, Recife. Segundo a revista, a Praça e as ruas adjacentes, foram tomadas por uma multidão contabilizada em 150 mil pessoas (MARIA, 1945, p. 151):

> Somente na noite de encerramento do III Congresso Eucarístico se viu uma massa tão grande a aglomerar-se na capital pernambucana para ouvir a voz da Igreja que ia naquela tarde se dirigirão povo pernambucano para orientá-lo nesses dias sombrios em que uma falsa, impatriótica e deletéria ideologia pretende arrastar o povo da nossa terra a uma destruição impiedosa (MARIA, 1945, p. 151).

A Concentração católica ocorreu com o intuito de unir os católicos em torno de um mesmo objetivo: o combate ao comunismo. Os padres que naquela ocasião falaram, se dedicaram a discursar sobre os perigos do comunismo. Na divulgação da Concentração já podia ser achado o grande objetivo da manifestação “ouviremos essa palavra para saber melhor repelir os falsos ensinos da falsa sociologia que hoje se prega, para melhor compreender o dever de repelir o comunismo ateu que visa subverter a ordem, solapar os fundamentos da família e destruir a Religião” (MARIA, 1945, n.p).

Como vinculado na revista, a Igreja Católica entendia que o comunismo buscava destruir a ordem, a Religião e a família. Para além disso, os discursos buscaram levantar outros motivos para convencer os fiéis da necessidade de um combate forte à essa ideologia. Agora chegamos ao segundo ponto tratado pela revista: *b) o porquê o comunismo deveria ser combatido*.

Em “Nota sobre o Comunismo e os Deveres Sociais dos Católicos”, a revista abordou um tópico intitulado “não se pode colaborar com o comunismo”, vejamos as razões explicitadas pela revista a partir desse tópico: a) o comunismo prega a ditadura do proletariado, enquanto que a doutrina social-cristã afirma a fidelidade com os direitos e liberdades optando pela democracia e reprovando toda espécie de



ditadura; b) os doutrinadores comunistas buscam infundir concepções baseadas no materialismo marxista, em que se diz ser a religião o "ópio do povo"; c) o Partido Comunista declara pelos artigos 9 e 13 do seu Estatuto que todos os membros do partido devem enquadrar sua vida pública e privada dentro dos princípios do Partido, ficando proibidas as relações pessoais e familiares com inimigos do comunismo. Se por acaso um filho é comunista e o pai não, o filho não deve se relacionar com o pai, o que gera a destruição interna dos laços familiares, atentado contra o quarto mandamento de Deus; d) o comunismo diz que a educação deve partir do Estado, enquanto que a Igreja diz que deve partir da família; se o comunismo é materialista, a educação será materialista, logo, se a família é cristã, como poderá transferir uma educação cristã? (MARIA, 1947, p. 122). O comunismo também devia ser combatido porque não amava a pátria, segundo a revista, repelir o comunismo era o mesmo que permanecer brasileiro e católico, pois essa ideologia "não é a nossa nem condiz com as nossas tradições de povo fundamentalmente crente e católico" (MARIA, 1945, p. 153).

A partir dos discursos a revista acabou veiculando determinados saberes, o principal consistiu em difundir que o comunismo estava atrelado à destruição de valores como família, religião, educação, liberdade e democracia. Combater um inimigo que pretendia causar tamanha destruição parecia urgente: "nenhum católico se iluda. O nosso grande inimigo é o comunismo. Somente a união de todos na luta contra êle, nos poderá dêle libertar" (MARIA, 1946, p. 19). Uma vez que o anticomunismo também era responsabilidade dos católicos, a revista se preocupou em explicar quais métodos eles deveriam utilizar para o combate. O que nos leva ao terceiro elemento pontuado pela revista: *c) como os fiéis deveriam combater o comunismo*.

O anticomunismo na revista *Maria* também era um convite à ação por parte dos católicos. Não era só a Igreja ou a revista que deveriam combater o comunismo, o fiel também: "nenhum católico tem o direito de se negar a essa campanha anticomunista" (MARIA, 1945, n.p). Mas como combate-lo? A revista pontua o que o católico deveria fazer e o que não deveria. Ele não deveria de forma alguma se aliar "a grupos reacionários, neo-facistas, ou que tenham intúitos de se servirem dos católicos, para fins políticos de caráter totalitário da direita", ou agir com violência



(MARIA, 1947, p. 124). Por outro lado, deveriam utilizar o que a revista chamou de "armas honestas", foram elas: "a propaganda, a oração, o argumento da palavra, da razão, as atitudes de corajosa repulsa e aversão, a união aos bons elementos que estão se lançando na luta para combate-lo" (MARIA, 1945, n.p). Ou seja, o fiel deveria usar práticas sociais, como a propagação das ideias da Igreja através de uma conversa, mas também práticas espirituais e religiosas como a oração, pois segundo a revista "só Deus nos poderá livrar dessa desdita" (MARIA, 1947, p. 145).

Ao definir que o fiel deveria propagar as convicções da Igreja Católica no processo de combate ao comunismo, a revista fez nada mais que delinear um discurso permitido e, portanto, um discurso proibido. Ora, isso significa dizer que através do discurso a revista produziu o que Foucault chamou de *Interdição*. A interdição é um tipo de exclusão que ocorre quando é negado a uma determinada pessoa o direito de dizer tudo, ou de dizer tudo em qualquer circunstância (FOUCAULT, 2014, p. 9).

Os católicos, segundo a revista, tinham o direito e o dever de propagar o anticomunismo, os que foram atraídos pelo comunismo e faziam propaganda deste, eram considerados "católicos sem suficiente cultura religiosa e ingênuos" (MARIA, 1947, p. 122), ou seja, quem não adotasse o discurso católico (a interdição) passava a sofrer um outro tipo de exclusão, a *Rejeição* (FOUCAULT, 2014, p. 10). O católico que migrasse para o comunismo, que partilhasse das ideias comunistas eram aqueles que foram ludibriados porque não tinham a "fé inabalável na doutrina do Evangelho" (MARIA, 1945, p. 102).

Além de propagar as convicções anticomunistas da Igreja, o católico deveria ser exemplo de justiça e de caridade, pois a prática deveria preceder o ensinamento (MARIA, 1947, p. 124). Na prática está inclusa a participação obrigatória dos católicos na vida pública:

> Pelo voto, escolhendo governantes à altura de sua missão; militando nos quadros dirigentes do país, se estão para isso preparados; exercendo, com espírito de justiça, os postos administrativos que ocupem no serviço público. Nêste intúito, devem todos alistar-se ou dar sua adesão à Liga Eleitoral católica, e votar em homens dignos, que defendem os ideais cristãos na vida pública brasileira (MARIA, 1947, p. 124).



Ao instruir o católico do que fazer e de como fazer, a revista designou muito claramente o papel do católico na vida político social diante daquele momento de "perigo". Fora preocupação sua, mostrar que a responsabilidade do católico era atuar na propagação do discurso anticomunista, mas, sobretudo, que deveria atuar politicamente através do voto. Palavras, escrituras, atitudes, de uma forma e de outra o fiel era chamado para a responsabilidade da propaganda anticomunista e por ela era reconhecido.

Em certa matéria de caráter honroso a uma católica recém falecida, é curioso o fato de a revista relacionar os atributos da mulher ao seu repúdio ao comunismo: D. Marieta Pessoa de Albuquerque "foi mãe modelar e cristã perfeita. Antes de entregar a sua alma a Deus, ela escrevia essas edificantes palavras: 'oferto a Deus a minha vida pela extinção do comunismo...'" (MARIA, 1945, p. 195). A revista procurou evidenciar uma católica que de alguma forma lançou mão das "armas honestas" para combater o comunismo, por se empenhar nessa luta, foi tida como um exemplo de mãe e de cristã.

Ao longo dos três pontos sobre o comunismo, privilegiados pela revista e aprofundados aqui, observamos que os discursos analisados construíram ou reforçaram um imaginário acerca do comunismo, principalmente de que ele visava destruir a Igreja e a família. Alguns termos empregados ao longo do discurso também contribuíram para uma imagem pejorativa do comunismo, foram eles: inimigo; mal; impatriótico, destruidor da religião; perigo; ameaça; anti-religião; comunismo ateu; ilusão; enganação; ideias perversas; destruidor da fé, da família e da sociedade; falsa ideologia. Também se construiu uma imagem das pessoas que se sentiram atraídas pelo comunismo, essas eram ignorantes, ingênuas e não tinham amor pela pátria.

Considerações finais

Ao analisarmos os discursos da revista *Maria*, nos foi possível concluir que a ideia mais recorrente fora a de que o comunismo se opunha a qualquer religião e por isso pretendia subverter a sociedade cristã. Entendendo o comunismo como inimigo que ameaçava o *status quo*, isto é, a sua hegemonia no seio social brasileiro, a Igreja tratou de utilizar os mais diversos dispositivos para combate-lo, sendo a



imprensa católica um deles. A revista *Maria*, por exemplo, propagou por meio de seus discursos ideias que explicitavam as razões de o comunismo ter penetrado nas nações, do porquê combate-lo e de como combate-lo. Esses discursos buscaram controlar os saberes e o imaginário dos leitores sobre o que era o comunismo, assim como orientá-los de como agir frente a ele. Controlando mentes e corpos a partir dos discursos, a Igreja Católica pretendia preservar o seu poder.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? *Outra Travessia*, Ilha de Santa Catarina, vol. 5, n. 2, jul/dez, 2005, p. 9-16.

AMARAL, Walter Valdevino do. *QUE FIZERAM "ELLAS"?* As Filhas de Maria e a Boa Imprensa no Recife, 1902-1922. Recife, Dissertação (Mestrado), Universidade Católica de Pernambuco, 2010.

BARROS, José D'Assunção. *Teoria da História*. 2. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. *O comunismo imaginário*: Práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922 -1989). Campinas, Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, 1996.

HOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios, 1875-1914*. 21. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2016.

LUXEMBURGO, Rosa. *O socialismo e as Igrejas*: o comunismo dos primeiros cristãos. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

MARIA: Revista das Filhas de Maria. Olinda, Ano 33, n. 10, 1945.

MARIA: Revista das Filhas de Maria. Olinda, Ano 33, n. 11-12, 1945.

MARIA: Revista das Filhas de Maria. Olinda, Ano 33, n. 7, 1945.

MARIA: Revista das Filhas de Maria. Olinda, Ano 33, n. 8-9, 1945.

MARIA: Revista das Filhas de Maria. Olinda, Ano 33, n. 8-9, 1945.

MARIA: Revista das Filhas de Maria. Olinda, Ano 36, n. 7-8, 1947.

MARIA: Revista das Filhas de Maria. Olinda, Ano 36, n. 9, 1947.

MARIA: Revista das Filhas de Maria. Olinda, Ano 37, n. 4, 1948.



PIO XI, Papa. Carta Encíclica *Divini Redemptoris* (sobre o comunismo ateu). *Vatican.va*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris.html. Acesso em: 20/10/2019.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *As revoluções russas e o socialismo soviético*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002, p. 463-488.

SOUSA JUNIOR, Jose Pereira de. O jornal A Imprensa Catholica e seus escritos de combate a maçonaria e o espiritismo na primeira república paraibana (1890 – 1930). In: Simpósio Nacional de História, Florianópolis, 2015. *Anais eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis, ANPUH, p. 1-16.

SPINDEL, Arnaldo. *O que é comunismo*. 5. ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.